

DO AUTOR DE *O LADO BOM DA VIDA*

MATTHEW QUICK



NETFLIX

UM FILME
NETFLIX

QUASE UMA ROCKSTAR

intrinseca

QUASE  
UMA
ROCKSTAR 
MATTHEW QUICK

Tradução de Dênia Sad e Carolina Selvatici

Copyright © 2010 Matthew Quick

TÍTULO ORIGINAL

Sorta Like a Rock Star

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

REVISÃO

Rayana Faria

Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q57q

Quick, Matthew, 1976-

Quase uma rockstar / Matthew Quick ; tradução Carolina Selvatici, Dênia Sad. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.
256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Sorta like a rock star
ISBN 978-85-8057-676-4

1. Romance americano. I. Selvatici, Carolina. II. Sad, Dênia. III. Título.

15-19192

CDD: 813

CDU: 821.111.(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para o sr. Scott Fleming, herói dos adolescentes, meu herói.

PARTE UM

Sinto a dor

CAPÍTULO

1

Deitada e tremendo no último banco do ônibus escolar 161, presa ao olhar de cachorrinho dele, que é completamente cem por cento fofo (sou uma mulherzinha, sei disso), digo:

— Você não vai acreditar na merda que tive que aturar hoje.

Minhas pernas estão apoiadas na janela e meus dedos dos pés apontam para o teto, fazendo a saia rodada que costurei na aula de trabalhos manuais ir parar na cintura. É, estamos no século XXI e uso saias rodadas. Sou estranha. E daí? E antes que qualquer um que esteja lendo isto aqui se empolgue demais ao pensar na minha saia dobrada até a cintura e nas minhas lindas pernas expostas, permita-me dizer que não há qualquer traço de pele adolescente para se ver por aqui.

Estou usando duas calças de moletom, três pares de meias de lã, dois pares de luvas, um chapéu grande e velho, que cobre minhas orelhas bizarramente pequenas, e três jaquetas — já que não tenho um casaco decente e é muito frio dormir em um ônibus escolar nas noites tristes de inverno.

Posso ver minha respiração condensando.

Camadas de gelo se formam nas janelas.

Bato o queixo.

Às vezes acordo com os pulmões doloridos de tanto inspirar ar congelante. É como fazer gargarejo com lascas de gelo.

A água congela na garrafa se eu a tiro do bolso do casaco.

E é melhor esquecer a vontade de fazer xixi, a não ser que queira ficar com a bunda tremendo de frio — literalmente.

E é bem solitário também.

Como estou erguendo Bobby Big Boy (Triplo B) acima da cabeça, ele olha para mim de cima para baixo e arqueja, botando a língua rosada para fora. O bafó é mais fedido do que todos os rabos que ele tenta cheirar sempre que está perto das cadelas — BBB é um Don Juan, apesar de ser totalmente monogâmico e fiel à srta. Jenny —, mas quero beijá-lo mesmo assim, porque ele é um vira-lata sexy e o homem mais confiável que conheço. Nunca vai me deixar — nunca —, e é por isso que não me importo com seus beijos caninos fedorentos. Além do mais, ele está usando o elegante casaco xadrez que também fiz na aula de trabalhos manuais. Ele fica lindo com essa jaqueta canina. BBB tem os pelos bagunçados em volta das orelhas, como o cabelo do Brad Pitt, ou como se precisasse de um banho, mas os olhos são leais e gentis.

Enquanto termino a confissão, faço o cachorro esperar, suspenso acima de mim. As perninhas balançam como se ele estivesse andando em uma esteira ou algo parecido. Sem pressa. Estamos sozinhos, temos a noite toda, e Bobby Big Boy cava o ar acima do meu rosto.

Durmo com Triplo B há mais ou menos um ano. Encontrei-o em uma caixa de sapatos, quase morto de fome — e sem coleira. Sério. Ele parecia uma meia que tinha sido jogada na privada e, depois de apertada a descarga, viajado por todos aqueles canos nojentos, para então ser cuspidada por alguma saída de esgoto em uma caixa laranja da Nike. A caixa tinha sido deixada de lado, como se fosse uma maquete de um aluno do ensino fundamental para a feira de ciências. O nome do trabalho seria VIRA-LATA PATÉTICO E QUASE MORTO. Nem preciso dizer que tirei o cachorrinho da sarjeta e cuidei dele, alimentando-o basicamente com restos de carne que roubava da mesa da Donna, até que ela me pegou no flagra e começou a comprar ração para o BBB.

Se espalhei pôsteres de “Cachorro Perdido Encontrado”?

Deixe-me explicar uma coisa: se um dia eu encontrar as pessoas que deixaram o Triplo B tão magrinho, é melhor elas tomarem cuidado.

Bobby Big Boy ainda está correndo no ar como um campeão. E vai continuar assim até que eu o ponha no chão.

As luzes do estacionamento se apagam por volta das onze da noite, e depois disso não dá para ler ou escrever — porque não posso correr o risco de algum transeunte curioso me ver usando uma lanterna. Isso acabaria com nosso disfarce. Sem luz — e sozinha —, as coisas podem ficar muito estranhas, e é por isso que mantenho Bobby Big Boy por perto. Mas ainda são nove e pouco, então terei tempo suficiente para fazer o dever de casa depois

que acabar de me confessar para o Triplo B. Ele atua como meu padre particular, já que o Padre Chee é apenas um servo de Deus, não Deus, logo, não é onipresente. Tenho prioridades, e manter a alma limpa com uma confissão diária está no topo da lista. Sou uma ótima católica. Ainda não perdi a V. Nossa Senhora e eu somos muito parceiras. Cara, eu sou uma adolescente abençoada por Deus! E minha mãe só vai voltar depois que o bar fechar, talvez nem depois disso. Ela saiu para pescar homens, como diria Jesus.

— Hoje chutei a canela do Lex Pinkston — conto a 3B. As pernas dele ainda se movem loucamente. — Sei que é pecado, ainda mais porque Deus fez o homem à Sua própria imagem e semelhança, então Ele deve ter uma canela (divina) igual à do Lex e sentir a mesma dor insuportável quando leva um chute certo no osso sagrado de Sua canela. E aqueles valentões romanos devem ter chutado a canela do bom e velho JC algumas vezes antes de pregar Nosso Senhor e Salvador em uma árvore, o que O torna mais solidário ao caso do reclamante. Mas antes de você contar a Ele sobre o pecado que cometi ao chutar a canela de um adolescente, padre Big Boy, devo lembrar ao senhor que as circunstâncias eram atenuantes. Lex fez Ricky repetir uma coisa nojenta de novo... e eu já tinha avisado àquele plebeu para não fazer isso umas cinquenta vezes... então mandei ver. Chutei o moleque bem na canela, e ele começou a pular em uma perna só. Os amigos dele ficaram rindo, pareciam um bando de hienas, ou talvez de macacos. Não, esqueça. Primatas são bonitinhos e muito mais espertos do que os jogadores de futebol americano da Escola Pública de Ensino Médio Childress, que são péssimos e não ganham jogo algum, porque estão ocupados demais sendo idiotas.

Posso estar errada, mas o padre BBB — ainda correndo no ar — meio que ri da minha história, como se até não achasse uma má ideia dar um chute na canela de um colega de turma excepcionalmente mau. Isso faz o padre Triplo B parecer quase humano por um segundo. Ou talvez eu só queira que ele seja humano.

Bom, voltando ao assunto, o que aconteceu foi o seguinte: eu estava lá jogando meus restos de comida na lixeira quando Lex mandou Ricky dizer que Ryan Gold tinha “peitos lindos”. Ricky disse, é claro — não por ele ser um dos filhos especiais de Deus, mas porque é um cara que consegue se safar desse tipo de coisa por ser especial —, o que fez Ryan ficar vermelha como um pimentão e começar a chorar, porque ainda é uma pré-mulher pudica e virgem, como eu. E Ricky começou a rir igual a um robô — “Hi! Hi! Hi! Hi!” —, como faz sempre que está chateado e confuso. Cara, como fiquei irritada! Ainda mais porque Ricky sabe que não pode fazer isso e está tentando conquistar o privilégio de me levar ao baile de formatura. Donna ficaria arrasada se eu contasse o que seu único filho disse hoje, no refeitório.

Pouso Bobby Big Boy no peito. Ele para de correr e lambe meu pescoço, tentando me consolar. O peso do cachorrinho em meu peito faz com que eu me sinta menos sozinha —

quase amada. Sei que talvez isso seja estranho, mas a gente tira amor de onde pode, não é? Pelo menos é o que minha mãe diz.

— Então estou perdoada, padre B3? Vou escapar da fúria divina? Dê um latido se quiser dizer “sim”.

— Au! — responde BBB, como ensinei. Ele é um cachorro muito bonzinho. De verdade.

AA, 2009.



Quando termino de escrever a redação aí de cima, rasgo a folha e suspiro. Mandeí muito bem, mas tinha que rasgá-la.

Bobby Big Boy corre para minha cintura, baixa a cabecinha e se enfia sob minhas jaquetas e blusas, aconchegando-se em meu peito quase reto de pré-mulher, mantendo-me quentinha sem arranhar muito minha barriga, porque é um perfeito cavalheiro.

Você deve achar que tive que rasgar a redação porque era meio que uma confissão, logo, um assunto particular. Mas, na verdade, confio no sr. Doolin, meu professor de inglês, que pediu que os alunos escrevessem um pouco sobre a própria vida. Ele é um cara bem legal, deixa a gente expressar a verdade sobre as nossas vidas através da escrita, ganhando nossa confiança e fazendo com que nossas palavras sejam mais autênticas. Isso é bacana da parte dele, porque tenho certeza de que nossas redações sinceras — as que dizem a verdade — devem irritar alguns pais e professores, apesar de todo e qualquer adolescente falar a verdade sempre que pode.

Você deve pensar que rasguei a redação porque não queria dedurar meu amigo Ricky ou aqueles babacas do time de futebol, mas não dou a mínima para isso, pois quando alguém faz ou fala alguma coisa nojenta no refeitório, pelo que sei, todo mundo fica sabendo. Não é? Pois é.

Eu nunca faria uma redação que queimasse o filme da Ryan Gold, porque ela é legal, mas teria entregado essa se Ryan fosse a única coisa que me impedisse. Às vezes — quando estamos escrevendo —, temos que sacrificar os sentimentos dos outros para justificar nossos argumentos. Pelo bem maior e tal. É o que o sr. Doolin diz quase todo dia.

Mas a verdade é que não quero que ninguém saiba que estou morando no Amarelão — que o ex-namorado da minha mãe, o babaca do Oliver, nos

expulsou do apartamento dele, e por isso minha mãe tem que economizar um pouco de grana até a gente conseguir quatro paredes só nossas. Quer dizer, é uma história bem idiota, e não estou muito orgulhosa de ser filha da minha mãe no momento. Estarmos desabrigadas pega mal para nós duas. Não é? Pois é.

Tenho certeza de que algumas pessoas nos deixariam dormir em suas casas, porque a cidade de Childress é cheia de pessoas boas. Juro. Mas é melhor que elas guardem a caridade para aleijados e velhinhos. Minha mãe com certeza vai se acertar logo. Ainda tenho o Bobby Big Boy, minha mãe ainda tem o emprego de motorista do Amarelão, e todas as nossas roupas e coisas cabem nos dois compartimentos de bagagem que ficam entre as rodas, abaixo das janelas, então tranquilo.

Só que, sentada aqui, com as pernas para cima e BBB no peito, não consigo pensar em mais nada para escrever — ainda mais porque a redação original era de matar.

O silêncio de um ônibus vazio pode deixar a gente meio maluca.

Bobby Big Boy e eu apenas nos aconchegamos até as luzes se apagarem e tudo ficar escuro.

Posso descansar os olhos, mas não vou conseguir dormir de verdade até minha mãe voltar da pesca, porque fico preocupada com ela.

Ela ainda é bonita.

Coisas ruins acontecem com mulheres bonitas que têm filhas como eu e não têm dinheiro para pagar droga nenhuma para elas, o que as deixa desesperadas para encontrar um Príncipe Encantado — só que Príncipes Encantados se casam com bonitonas da minha idade, talvez um pouco mais velhas. Minha mãe tem quase quarenta anos, então está ferrada no que diz respeito a homens. Às vezes, gosto de imaginá-la se casando com um cara velho e rico, que seria como um vovozinho e deixaria um monte de grana para ela quando passasse dessa pra melhor. Isso seria legal, mas não vai acontecer. Verdade.

E tem mais: o gosto da minha mãe para homens é parecido com o gosto de um viciado para crack. Qualquer coisa serve. E todos os seus entes queridos mais próximos (eu) acham um saco quando *mi madre* está fumando uma nova pedrinha masculina, porque — para ser bem sincera — ela fica meio alucinada.

Sozinha no Amarelão, penso em minha mãe por um bom tempo.

Ela é uma péssima mãe. E devo enfatizar isso.

É de uma irresponsabilidade ridícula e tem menos traquejo social do que Ricky — que foi diagnosticado com autismo —, mas ainda assim a amo. Adoro amar e ter uma mãe na minha vida. Pode me chamar de antiquada, piegas ou sentimental.

Quando ouço a porta do ônibus ser aberta, fico paralisada e prendo a respiração.

Deve ser minha mãe.

Só pode ser minha mãe.

E se não for minha mãe?

Estou em um estacionamento horripilante fora da cidade. Está cheio de outros ônibus escolares sinistros estacionados em perfeito alinhamento. Simetria demais pode ser aterrorizante. Há uma ferrovia de um lado do estacionamento e um bosque assustador do outro. Coisas ruins acontecem perto de ferrovias e em bosques, porque alguns homens são maus de nascença e, se não forem controlados, acabam fazendo bobagens — pelo menos é o que dizem os bambambãs como Herman Melville, que ilustrou exatamente isso com Claggart, aquele personagem mau de *Billy Budd*, que acabamos de ler na aula de literatura americana avançada. O belo marujo. Budd derrama sopa em Claggart no refeitório, criando com isso uma metáfora para uma ejaculação homossexual acidental. Isso de acordo com o sr. Doolin, que pensa em coito vinte e quatro horas por dia e vê metáforas sexuais em quase todas as frases desses livros antigos. “O bonito é tão bonito quanto o que fez.” Herman Melville. Muito engraçado. Sério. Mas ficar em um ônibus sozinha à noite, perto de uma ferrovia e de um bosque, não é tão divertido assim, pode acreditar.

Além disso, têm acontecido uns estupros seguidos de assassinato nos arredores da cidade por esses dias. A polícia ainda não pegou o cara, o que tem deixado muitas pessoas assustadas, com razão.

Homem louco por perto — cuidado!

Por fim, não consigo me segurar e acabo com qualquer chance de sobreviver a um encontro com o psicopata local, ainda mais porque só tenho dezessete anos e sou frágil, apesar de só faltar um ano para acabar o ensino médio.

— Mãe? — pergunto.

— Amber? Acordei você?

Ufa. É minha mãe.

— Não. Um lenhador pirado estava prestes a me sequestrar e fazer de mim sua escrava, mas você o assustou. Valeu.

— Isso não é nem um pouco engraçado.

— Como foi a pescaria? Algum cara mordeu a isca?

— Não. Nada.

— É difícil achar um cara legal.

— Nem me fale — concorda minha mãe, parecendo uma meretriz decadente que nunca vai encontrar o Príncipe Encantado.

Mas dá para ver pelo tom de voz que ela está escondendo alguma coisa, tentando soar minimamente esperançosa para fazer a filha acreditar que não vai dormir em um ônibus escolar para sempre. Então dou um pouco de crédito a ela. Minha mãe teve uma vida sofrida.

— Nada como um dia após o outro — comento, em meio à escuridão, enquanto minha mãe dá tapinhas na minha testa como se eu fosse Bobby Big Boy. Gosto de cachorros, por isso não me ofendo.

— O seu cachorrinho precisa ir lá fora antes de eu dormir?

— Acho que Bob ia gostar de se aliviar um pouco.

— Não chame o cachorro de Bob, por favor.

— É o nome dele.

— O seu pai era... É melhor esquecer, e...

— Bom, Bob tem que fazer xixi e eu tenho aula amanhã, então será que dá para pular esse papo e acabar com a agonia do coitado, por favor? Não consigo dormir sem meu bebê.

— Vamos lá, cachorrinho — chama minha mãe, batendo palmas.

Bob pula do meu peito de pré-mulher, alargando os colarinhos de umas quatro camisetas e arranhando meu pescoço todo. Ele adora fazer xixi. É o que mais gosta de fazer.

— Use a coleira! — grito, porque não quero que 3B se perca no escuro.

— Beleza.

Mas sei que ela não pegou a coleira, já que estou sentada em cima da dita-cuja. Está embaixo da minha bunda.

Minha mãe mente para mim o tempo todo. Ela meio que tem um problema. É uma fábrica de falsidades. Ou talvez só esteja bêbada de novo, o que também não é desculpa.

Às vezes, quando estou perdendo as esperanças em relação à minha mãe — o que tem acontecido meio que o tempo todo, ultimamente —, gosto

de pensar em um dos sete melhores momentos entre Amber e sua mãe. São pequenos vídeos que tenho guardados no cérebro — todos documentando a mãe que eu conhecia antes de ela meio que desistir da vida, antes de o Oliver acabar com a força de vontade dela e fazê-la começar a beber como nunca. Eis o sétimo melhor momento entre Amber e sua mãe:

Nos anos 1980 — quando minha mãe estava no ensino médio —, ela era uma jogadora espetacular de softball e ajudou seu time a vencer um campeonato estadual. Isso foi o auge da vida dela. Minha mãe falava de softball o tempo todo e até competia pela equipe de um bar local, na liga da cerveja. Eu a assistia jogar contra homens com bocas sujas e panças enormes de tanto beberem. Só algumas mulheres jogavam no campeonato, e minha mãe era milhões de vezes melhor do que todas. Também era melhor do que a maioria dos homens, se quer saber. Ela não conseguia lançar a bola muito longe, mas sabia aproveitar os buracos no campo e era ótima na segunda base — nunca cometia erros.

Bom, quando eu era pequena, minha mãe pôs na cabeça que iria me treinar e fazer de mim uma jogadora de softball incrível, que nem ela. Então me levou à loja de esportes e comprou luvas, taco, bola, boné e uniforme, além de um par de luvas de rebatedor, apesar de eu não ter pedido nada daquilo. Isso foi depois de meu pai ter nos abandonado, e nunca tivemos muito dinheiro, então a compra foi uma coisa meio que importante — eu entendia isso mesmo sendo pequena. Por isso entrei na onda, apesar de não ter nem um pouco de vontade de jogar softball.

No dia seguinte, minha mãe me levou para o parque com todo o equipamento novo. Ela me ensinou a usar o taco e a jogar e pegar a bola, mas — apesar de ela ser uma ótima técnica — eu não consegui pegar o jeito da coisa, e tentar jogar só fazia com que eu me sentisse uma completa idiota. Treinei com o taco por semanas, mas não conseguia rebater nenhuma das bolas que minha mãe jogava. Todas as bolas dela passavam por cima da minha cabeça, pelo meio das minhas pernas, ou batiam na minha cara ou na minha barriga. E todos os meus lançamentos iam para a direita ou para a esquerda, ou paravam nos pés da minha mãe. Ela nunca gritou comigo nem nada, mas, depois de algumas semanas de fracasso constante, depois de balançar o taco e não acertar pela milionésima vez, caí no choro.

Minha mãe correu até mim, me pegou no colo e me deu um beijo na bochecha.

— Amber, isso não acontece de um dia para outro. Você tem que se esforçar se quiser ser uma boa jogadora. Tem que treinar muito. Levei anos para conseguir!

— Mas eu não *quero* ser uma boa jogadora. Odeio softball. Odeio mesmo.

Minha mãe me olhou nos olhos, e percebi que ela estava surpresa com a revelação. Entendi que ela nunca tinha parado para pensar que talvez eu não quisesse jogar softball.

— Nunca mais quero jogar softball — gritei. — Nunca mais. Odeio isso! Tudo isso!

— Está bem — respondeu minha mãe.

— O quê? — perguntei, chocada, porque achei que ela me faria continuar tentando, já que é isso que os adultos costumam fazer.

— Amber, é só um jogo. Eu achei que você fosse gostar, mas, se não quiser jogar, tudo bem. Você não precisa jogar softball.

— Você não vai ficar chateada comigo?

— Por que eu ficaria chateada com você? — perguntou minha mãe, soltando uma risada.

— Porque você gastou aquela grana toda em equipamento, e agora eu não quero jogar softball.

— Se você não quer jogar, não quer jogar. Tudo bem.

— É mesmo?

— É.

Sáimos do campo, compramos sanduíches e comemos à beira do lago, sentadas em um banco do parque. Jogamos um pouco de pão para os patos, e foi bem legal só ficar sentada ali com a minha mãe, depois de contar a ela como me sentia. Foi bom saber que eu podia dizer a verdade e mesmo assim alimentar os patos com ela. Adoro patos. Gosto de vê-los andando, desajeitados, pela terra. E o barulho que eles fazem me mata de rir. Sério.

Lembro-me de que o sol refletia tanto no lago que doía olhar para a água alaranjada.

— Valeu por não me forçar a continuar jogando softball — falei.

Minha mãe pôs o braço ao redor dos meus ombros.

Ela nunca mais tentou me fazer praticar esporte nenhum, mas comemos muitos outros sanduíches naquele banco e alimentamos verdadeiros bandos de patos por anos a fio — e são essas as lembranças que eu valorizo de verdade.

Quack, quack.

Patos.

Irado.

De volta ao presente, quando vejo que minha mãe e BBB estão demorando a voltar para o ônibus, decido me levantar e cuidar das coisas sozinha, para garantir que meu melhor amigo não seja comido por um coioote desgarrado e traiçoeiro ou qualquer outro mamífero carnívoro e cruel. Mas, então, Bobby Big Boy entra correndo no ônibus e pula dentro das minhas blusas de novo, aquecendo minha barriga e meu peito. Tudo fica bem sob o cobertor que minha mãe jogara sobre mim antes de sair do ônibus, apesar de eu tê-lo deixado para ela no banco ao lado, pois só temos um.

Bobby Big Boy está bem quentinho por ter corrido e um pouco mais leve sem a bexiga cheia de xixi. Ouço minha mãe trancar o ônibus e andar até mim.

— É só por um tempo, Amber — diz.

— Eu gosto daqui. É como se estivéssemos acampando, mas em um ônibus escolar e sem os marshmallows que engordam, a fogueira que causa câncer e a cantoria irritante.

— Você comeu o suficiente hoje?

Essa pergunta me irrita, ainda mais porque ela deve ter gastado o pouco dinheiro que ganha em cigarros e vodca, sem se preocupar em trazer um jantar para mim e para Triplo B. Minha mãe só trabalha quatro horas por dia e recebe nove dólares por hora, mas paga bebidas para qualquer um, sem pestanejar, em qualquer bar vagabundo, antes de comprar uma refeição para si mesma ou para mim. É deprimente.

— Estou tentando manter a forma — respondo, roubando a piada do Franks —, mas Bobby Big Boy comeu um bife que peguei da mesa de jantar da Donna.

— Da sra. Roberts — corrige minha mãe, porque a mulher bêbada tem alguma noção sarcástica de etiqueta quando o assunto é sobrenome.



— Aham, claro — digo, com desdém, porque posso ser babaca, às vezes.

Minha mãe me dá um belo beijo na testa e diz:


— Bons sonhos, meu amor.

Então deixo as frustrações do dia para lá, junto as mãos em prece e, em silêncio, rezo por todas as pessoas e todos os cachorros que tenho certeza de que precisam que eu reze por eles: minha mãe, 3B, Ricky, Donna, Franks, Chad, Jared, Ty, a Porteira Lucy, o Velho Linder (meu empresário), o Velho

Thompson, Joan das Antigas e todos os idosos da Casa de Repouso Metodista, o Padre Chee, as Divas Coreanas por Cristo, o sr. Doolin, o Soldado Jackson, a srta. Jenny, o Príncipe Tony, os professores da Escola Childress e toda a droga da cidade, até a equipe de futebol, até Lex Pinkston, ATÉ MESMO meu pai biológico ausente, Bob, que não sei nem se está vivo. Levo todos eles até JC em minhas orações e peço a Deus que ajude todos a serem quem precisarem ser. Depois, fico só ouvindo minha mãe respirar do outro lado do corredor, até Triplo B e eu chegarmos juntos à terra dos sonhos. Tenho sonhos com a cama de verdade em que Bobby Big Boy e eu um dia descansaremos. Minha futura cama vai ser um mar de colchões, talvez até uma *queen-size*, cara! Juro.



Amber Appleton tem dezessete anos, está no ensino médio e mora em um ônibus. Desde que o namorado da mãe as expulsou de casa, Amber, a mãe e Bobby Big Boy, o leal vira-lata da adolescente, estão acampados no Amarelão, o transporte escolar que a mãe de Amber dirige. Apesar de as coisas não estarem boas para o seu lado, Amber, que se autoproclama Princesa da Esperança, se recusa a desistir.



Em vez disso, ela foca todas as energias em ajudar as pessoas à sua volta: incluem-se aí a mãe alcólatra, os amigos estranhos e excluídos, o Padre Chee e as Divas Coreanas por Cristo, uma octogenária cega e pessimista e um veterano de guerra solitário que escreve haicais. Mas quando uma tragédia faz seu mundo desabar por completo, Amber não consegue mais enxergar a vida com os mesmos olhos. Será que no meio de tanta tristeza e sofrimento ela vai recuperar a esperança?

Saiba mais em:

www.intrinseca.com.br/livro/467/

